

SEXUALIDADE EM SALA DE AULA: REPRESENTAÇÕES EM ENTREVISTAS DE PROFESSORES¹

SEXUALITY IN CLASSROOM: REPRESENTATIONS IN INTERVIEW WITH TEACHERS

Denise Salete Gomes BANZATO²
Walkíria Helena GRANT³

RESUMO

Objetiva estudar as representações da sexualidade de professores de pré-escolas, a partir de seus discursos sobre as práticas educativas, quando exploram temas relativos à sexualidade. O estudo foi realizado com professores de pré-escolas de instituições de ensino público e privado, de cidades do Estado de São Paulo. Foram feitas entrevistas abertas, analisadas à luz da Psicanálise. Os resultados evidenciam relações entre a inscrição da sexualidade dos professores e a maneira como reagem às questões relativas a este tema. O fato dos professores desconhecerem e não refletirem sobre as próprias representações da sexualidade, estas construídas ao longo de suas histórias de vida, resultou em práticas que não propiciaram aos alunos esclarecimentos, reflexão e algum conhecimento sobre si. Dessa forma, podemos pensar que tanto alunos como professores se beneficiariam, caso estes professores participassem não somente de cursos informativos, mas também, de um espaço onde pudessem refletir a respeito das suas singularidades.

Palavras-chave: *Orientação sexual; Psicanálise; relação professor-aluno; análise do discurso.*

ABSTRACT

The main aim of this study is to reflect on the manner in which nursery school teachers treat sexuality, as well as on how they react to themes related to

⁽¹⁾ Este trabalho derivou de uma dissertação de mestrado, defendida por Denise S.G. Banzato, em setembro de 98, no Instituto de Psicologia da USP, sob orientação da Profa. Dra. Walkíria Helena Grant.

⁽²⁾ Mestre em Psicologia USP, Psicóloga graduada pela PUC-SP.

End. Av. José Bonifácio, 1425, apto 42, Jardim Flamboyant - CEP 13093-200 - Campinas, São Paulo.

E-mail: banzato@correionet.com; fax: 254-3476.

⁽³⁾ Psicanalista, Profa. Dra. do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: wal@usp.br

sexuality. The study was carried out on public and private school teachers from various cities in the State of Sao Paulo. Open interviews were conducted and analyzed from the psychoanalytic perspective. Our work clearly demonstrates that the sexuality inscriptions impressed on our subjects throughout their lives determines to a great extent the way in which they react to the questions the children raised on sexuality. In fact, teachers didn't know and reflect on their own sexuality representations, that were built during their own life. As result of this, the teachers were unable to give to the students clarifications as well as allow them reflect on the theme and develop knowledge of themselves. This leads us to think that both students and teachers would benefit if these teachers participated in more than informative courses. The teachers should be given an opportunity to reflect on their individualities, repetitions, and performances.

Key words: *Sexual education; psychoanalysis; relationship between teacher and student; analysis of the discourse.*

INTRODUÇÃO

O tema sexualidade, no âmbito escolar, tem mobilizado discussões entre instituições religiosas, Estado e dividido opiniões. Alguns pensam que diante das especificidades do âmbito pedagógico, é impossível a escola abarcar aulas de orientação sexual. Outros pensam que para formar cidadãos, a escola deve promover o envolvimento dos alunos, com temas existenciais como ética e sexualidade.

A orientação sexual, promovida dentro do ambiente escolar, já era defendida por Freud em 1907, em uma carta que enviou ao Dr. M. Fürst, para ser publicada num periódico dedicado à higiene e à medicina social. Nesta carta Freud mencionou:

Considero um avanço significativo na educação infantil que na França o Estado tenha introduzido, em lugar de catecismo, um manual que dá à criança as primeiras noções de sua situação como cidadão e dos deveres éticos que deverá assumir mais tarde. No entanto, essa educação elementar continuará com sérias deficiências enquanto não abranger o campo da sexualidade. (1989, p.144)

Podemos entender este posicionamento de Freud mediante sua primeira teoria sobre as neuroses, em que defendia que as perturbações

neuróticas eram causadas principalmente pela constituição psicosssexual e certos males da vida sexual que estariam relacionados à moral repressiva. O autor, na carta mencionada, citou que as dúvidas não satisfeitas poderiam atormentar as crianças e levá-las a acreditar em informações onde o sexo aparecesse com uma valoração negativa. Para Freud, essas crenças poderiam propiciar sentimentos de culpa nos jovens e não os deixariam ter atitudes adequadas em relação ao sexo.

A continuidade da produção freudiana não sustentou a "informação" sexual como canal fundamental para a etiologia das neuroses. Existe algo intrínseco a vida sexual que aponta para um mal-estar, para um defrontamento com questões que no seu limite não têm respostas. Ocorre, que a sexualidade envolve aspectos que não são representáveis; isto é, ela aponta para mais além da pulsão de vida, aonde se presentificam a destruição, o silêncio, o nada. Estamos falando da pulsão de morte e do seu atravessamento em tudo que diz respeito à vida, inclusive a sexualidade.

Mas, isto não nos impede de pensar as variáveis sociais como vetores importantes a serem considerados nas formas sintomáticas de um sujeito: os pais, professores e a forma como lidam com um tema como sexualidade às portas do século XXI, podem possibilitar ou não, que

crianças e jovens se posicionem diante deste tema de forma responsável e saudável.

O tema sexualidade, tratado nas escolas, pode propiciar aos jovens a reflexão, ou até mesmo um reposicionamento, sobre algo que remete à nossa existência.

Pesquisas demonstram que no Brasil, os pais apoiam informalmente que este tema seja enfocado na escola. Dados de uma pesquisa do Instituto DataFolha, feita em junho de 1993, nos permitem corroborar esta tendência observada na família brasileira. Constatou-se que 86% dos 5.076 pais entrevistados, nas dez principais capitais brasileiras, são favoráveis à inclusão de orientação sexual nos currículos escolares. A mesma pesquisa do DataFolha revela, também, que 48% dos pais com filhos em idade escolar nunca ou raramente conversaram sobre sexo, segundo seus filhos. Os pais justificaram preferir "livrar-se" desta tarefa, que consideram "constrangedora". (1994, caderno 6, p.3).

Consideramos que, embora, o tema em questão seja algo reprimido em nossa sociedade, a modificação da organização familiar durante este século, propiciou que os pais fossem receptivos à orientação sexual nas escolas. Podemos pensar que a família urbana moderna é um núcleo avulso e desamparado, ilhada em relação ao tecido social que a sustenta e, quando se volta para o meio é no sentido de buscar soluções para o desenvolvimento de seus membros. Isto justifica, em parte, a importância que os serviços de saúde e educação passaram a ter atualmente. A orientação sexual, incluída no currículo escolar, parece viabilizar que as escolas tragam para este ambiente um tema que parece gerar desconforto para grande parte das famílias.

OMEC, em 1997, determinou referenciais para a formação dos alunos e exercício da cidadania através dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Nestes está previsto que a orientação sexual seja feita nas escolas de todo o país de ensino oficial e privado. Através da orientação sexual, o Ministério da Educação

pretende combater o alto índice de gravidez precoce e de adolescentes infectados pelo vírus da Aids. Além destes objetivos, os PCNs têm como finalidade levar este projeto adiante, desvinculando a sexualidade de tabus e relacionando-a, nos limites possíveis, ao prazer e a vida.

Nos PCNs a orientação sexual, assim como a ética e a pluralidade cultural, devem ser tratadas como temas transversais; ou seja, não exigem uma disciplina específica para serem trabalhados, mas quando surgem em sala de aula, os educadores devem propiciar sua reflexão. Como os PCNs são destinados ao ensino fundamental, para a pré-escola o que aconselham aos professores é que a orientação sexual seja feita informalmente, de acordo com a curiosidade das crianças, enfatizando o corpo e a saúde.

Os PCNs também sugerem que a conduta do educador diante deste tema seja de oferecer limites e demonstrar a compreensão de que se trata de algo prazeroso, que faz parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano.

Como articular estas "sugestões" dos PCNs e a teoria da sexualidade freudiana?

FREUDE A SEXUALIDADE

Segundo Freud, a busca de prazer através do corpo e as construções de teorias sobre origem e nascimento das crianças, fazem parte da infância. Embora as teorias sexuais infantis sejam muitas vezes equivocadas, elas têm por característica a similaridade com a tentativa dos adultos em decifrar os problemas do universo, significam tentativas de explicações a respeito das nossas origens. Através destas teorias e do interesse por assuntos relacionados à sexualidade é que há possibilidade da criança construir um conhecimento sobre sua história de vida, o que é significativo para a sua subjetividade. Para Freud, uma criança bem dotada intelectualmente se preocupa com os problemas sexuais; isto

é, faz parte do desenvolvimento “normal” de qualquer pessoa investigar sobre a se-xualidade. O fato de alguns não se recordarem disso, deve-se aos efeitos do recalçamento, conforme foi mencionado nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905).

Para Freud, os interesses relacionados com a sexualidade estão associados inicialmente às pulsões parciais, - pulsão de dominação, pulsão escopofílica e pulsão epistemofílica - e, só mais tarde, com a maturidade, é que estas pulsões subordinar-se-ão à zona genital. Mas não toda, parte destas pulsões terão o destino sublimatório. Sobre este aspecto, em 1913 Freud mencionou: “Nossas mais elevadas virtudes desenvolveram-se, como formações reativas e sublimações, de nossas piores disposições.” (1989, p.225). Entende-se por “piores disposições” a perversidade presente na criança associada à pulsão de dominação e à pulsão escopofílica. Para ilustrar, pensemos que a pulsão de dominação pode mobilizar a criança a matar um sapo e, que via processo sublimatório, este ato pode gerar conhecimento a respeito da anatomia e do funcionamento dos órgãos internos deste animal.

A postura que o adulto assume perante as manifestações da sexualidade na infância, é fundamental para que a criança continue ou não, motivada em suas investigações; mais do que isto, que possa promover deslocamentos quanto ao objeto de pesquisa. As práticas coercitivas podem impedir que a criança exerça essa postura investigativa; assim como, as respostas errôneas que os educadores usualmente concedem às crianças podem danificar seu genuíno desejo de investigação e a capacidade de pensar de forma independente.

Em sua obra, Freud contribuiu para que pensássemos sobre a importância da postura do educador em conduzir questões relacionadas à sexualidade, de forma que permita à criança uma postura investigativa. Um caminho seria a satisfação de suas dúvidas com informações corretas e, poder relacionar o sexo a valores positivos, de maneira que não intensifique o sentimento de

culpa. Entretanto, para este autor, a capacidade de educar crianças está relacionada a uma disposição subjetiva do educador, e isto está relacionado a aspectos inconscientes e concientes, construídos durante toda uma história de vida.

Portanto, para Freud qualquer empreendimento que trate a sexualidade na escola tem por característica a presentificação da subjetividade do educador. Este aspecto também é citado nos PCNs, sugerindo a postura do educador como um agente que propicie um espaço onde a criança possa obter esclarecimentos sobre informações relacionadas às questões sexuais, com a finalidade de favorecer para que ela se sinta mais tranqüila e motivada para continuar suas investigações sobre o tema. Ainda segundo os PCNs, as dúvidas surgidas em sala de aula devem ser ouvidas, respeitadas e sanadas com informações objetivas; isto é, o educador deve evitar abordar os temas baseados em seus próprios valores. Nos PCNs há uma expectativa dos educadores ficarem atentos sobre esses fatores, mas não há a crença de que estes não irão intervir nas aulas de orientação sexual.

Foi com essa preocupação que elaboraram uma cartilha ao educador. Porém, sabemos que o tema “sexualidade” remete às questões existenciais e que as informações fornecidas a um sujeito, podem ter um efeito limitado.

OBJETIVO

Em decorrência destes aspectos, nos propusemos a refletir sobre as representações da sexualidade em professores de pré-escola presentes nos discursos sobre suas práticas educativas. Especificamente, levantamos questões a serem desenvolvidas relativas a forma como constituir-se-ia o campo das relações imaginárias em sala de aula quando o tema é sexualidade. Interessa-nos investigar, como as representações da sexualidade dos professores, seus valores e como conduzem a sexualidade em suas vidas privadas, acabam se atualizando nas relações com os alunos.

A escolha em desenvolver essa pesquisa em pré-escolas, relaciona-se ao fato da teoria psicanalítica considerar essa fase do desenvolvimento humano, fundamental para a definição da estrutura psíquica. Através da Psicanálise sabemos a importância da construção das teorias sexuais, em crianças na fase pré-escolar. Nesta fase do desenvolvimento, a curiosidade e a construção do conhecimento estão centrados em temas que envolvem a sexualidade e a origem dos bebês. Pensamos que a receptividade do professor sobre estes assuntos poderia propiciar a motivação à busca do conhecimento.

Sabemos que no ensino pré-escolar, o professor ocupa um lugar de autonomia e independência, que nem sempre os professores de ensino de primeiro, segundo e terceiro graus têm. Devido a não ter um plano de aula rígido a atuação do professor de pré-escola depende principalmente de sua postura pessoal, porque não dizer com Freud (1925), da "compreensão intuitiva" de lidar com crianças.

MÉTODO

Este trabalho foi desenvolvido dentro dos referenciais metodológicos de uma pesquisa qualitativa, que permite o aprofundamento dos significados das ações e das relações humanas.

A escolha deste método justificou-se pelo objeto do estudo, representações da sexualidade, que corresponde à visão subjetiva que o sujeito tem sobre este tema.

Dentro da abordagem qualitativa, esta pesquisa fundamentou a sua interpretação na análise do discurso dos professores. De acordo com o referencial psicanalítico, o discurso representa o sujeito psíquico. Em Freud o discurso pode significar algo diferente do que se encontra enunciado. Lacan enunciou a idéia do inconsciente estruturado como linguagem, que é falado e se traduz nos significantes acionados, nas regras ou convenções do registro simbólico. Esta concepção psicanalítica, de que existe um

discurso que é dividido entre o sujeito que fala e o sujeito que é falado, oferece base para a análise do discurso, de acordo com Guirado (1993).

Considerando-se a concepção psicanalítica de discurso, durante as entrevistas com os professores, o entrevistador esteve voltado para o modo deles falarem e se posicionarem nas cenas que descreveram. Os discursos foram ouvidos em sua organização, e foram destacadas palavras que se repetiram e os vários sentidos que essa palavra encobria, brincadeiras, palavras ditas fora do sentido esperado, frases, expressões, aspectos significativos que permitiram retomar esse discurso na posição do sujeito que enunciou. A transferência neste estudo, se estabeleceu entre o entrevistado, entrevistador e produção de uma pesquisa. Isto permitiu que houvesse produção do discurso de um sujeito. Posteriormente houve análise das entrevistas, cuja posição do entrevistador foi de decomposição e desconstrução das falas dos professores, a partir das significações que surgiram nos discursos, conforme será explicado adiante.

SUJEITOS

Os sujeitos de nosso estudo foram seis professores de pré-escolas da capital de São Paulo, Campinas e Guarulhos.

Foram escolhidos professores de diversos tipos de instituição de ensino: duas professoras de EMEIS (pré-escolas municipais) e quatro professores de escolas particulares, especificamente: uma professora de escola religiosa, dois professores de uma pré-escola, que segue a linha filosófica holística e uma professora de uma pré-escola que tem sua prática "atravessada" pela teoria construtivista.

A faixa etária dos professores em média era de 32 anos. Nesta amostra com exceção de uma professora de EMEI que estudou até o magistério, os demais professores tinham formação universitária em pedagogia, jornalismo, filosofia, serviço social e matemática.

PROCEDIMENTO

No contato com os sujeitos da pesquisa, priorizamos para que não houvesse um encontro ou conhecimento prévio, com a finalidade de evitar qualquer interferência que não fosse resultado das produções dos sujeitos dentro do campo das entrevistas.

As entrevistas eram individuais, num ambiente que garantisse a não interrupção do trabalho, e duravam em média uma hora cada. Estas foram gravadas com o consentimento dos professores e posteriormente transcritas.

As entrevistas eram iniciadas com a seguinte consígnia: "Como aparece a sexualidade no seu trabalho". No meio da entrevista, caso necessário, o entrevistado era estimulado a falar sobre algum episódio de sua vida particular, onde a sexualidade estivesse presente. Entendemos que a escolha dessa consígnia, permitiu ao entrevistado um processo semelhante ao de associação livre; isto é, a escolha dos assuntos, prioridades, esquecimentos, bloqueios, lapsos, atos falhos, passam a ser aspectos da entrevista que dizem respeito à estrutura psicológica particular do entrevistado. Devido a isto, alguns temas surgiram em algumas entrevistas e, não em outras.

As intervenções feitas pelo entrevistador, foram no sentido de elucidar alguns aspectos obscuros durante as entrevistas e permitir que o entrevistado falasse, que houvesse uma produção discursiva de sujeito.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste estudo, destacamos as imagens que os professores construíram da própria sexualidade sem que necessariamente tivessem conhecimento destas representações. Compreendemos que os professores são suporte de um discurso que reflete uma história de vida.

Posteriormente, houve o trabalho de análise qualitativa das entrevistas, em que a posição do entrevistador foi de decomposição e

desconstrução das falas dos professores, priorizando alguns significantes elaborados por eles. A partir das significações que surgiram nos discursos, o entrevistador rearranjou um texto aonde se configuraram sentidos que estavam implícitos nas estruturas das falas enunciadas pelos professores.

Num segundo passo, reorganizamos em temas este trabalho de desconstrução, buscando estabelecer relações entre eles. Tivemos como temas recorrentes: sexualidade em sala de aula, dificuldades dos professores, lugares subjetivos dos professores, lugares subjetivos dos alunos, representações dos pais de alunos, das instituições, etc. Esses temas podiam se repetir em todas as entrevistas, mas não necessariamente isto acontecia.

Por fim, as seis entrevistas foram analisadas em conjunto, de acordo com temas em comum, onde pudemos apontar semelhanças e singularidades de cada sujeito sobre os temas eleitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando-se o método da pesquisa, bem como de análise de dados, as informações levantadas nesse estudo não permitem generalizações para a população de professores de pré-escola. Entretanto, nos permite valorizar a história de vida do professor e articulá-la com a sua prática no contexto escolar.

Neste momento, nos propomos a fazer um recorte significativo entre a história de vida de alguns professores e a forma como conduziram as questões relativas à sexualidade em sala de aula. Através dos relatos dos professores foi possível perceber atuações, repetições de aspectos da própria história de vida, que acabaram se repetindo na relação que estabeleceram com os alunos, e na forma como lidaram com a curiosidade deles sobre o tema sexualidade.

Esclarecemos que os nomes dos professores foram alterados como forma de preservar os sujeitos desta pesquisa.

Darlene, 31 anos, atribuiu as suas dificuldades em focar o tema sexualidade, à educação que recebeu dos seus pais. Sobre a educação que recebeu disse que não teve um modelo onde pudesse conversar sobre sexo tanto com os seus pais, como na escola que estudava: *"...Não dá para explicar. Eu fiquei sabendo disso muito tarde. (...) Tudo sobre relação sexual, sobre educação sexual, foi tudo tarde. (...) talvez mesmo da criação dos meus pais, né. Não sei se eles nunca conversaram comigo sobre..., quando era criança, sobre isso; ou, se eu nunca tive uma aula sobre isso. Eu não sei. Mas vem um certo receio, um medo de conversar com as crianças. Porque eu vim saber sobre menstruação exatamente quando eu fiquei menstruada. (...) sobre sexualidade, nem pensar! Quem falou comigo foi... algumas tias minhas quando estava ficando mocinha. Depois de muito tempo, aí minha mãe falou. Então eu relaciono assim. Mas, não sei se tem algo a ver. Talvez seja por causa disso, a... a minha postura frente as crianças."*

Em sala de aula, a professora dificilmente enfocava o tema sexualidade com a finalidade de prestar esclarecimentos ou provocar reflexões aos alunos. Como exemplo, citamos um episódio que a professora relatou para explicar sobre a "relação sexual" aos seus alunos: *"Contei a história da sementinha. Que o papai tinha uma sementinha e o papai dava para a mamãe. E que a mamãe também tinha sementinha, e as duas sementinhas se juntavam e dentro da barriga da mamãe formava o neném. Inclusive(deu risada) um aluno meu perguntou: por onde essa sementinha entrava? Aí um outro falou assim: é não vê? é que nem remédio. O papai dá na mão da mamãe, e a mamãe engole. E assim, ... não respondi porque fiquei receosa... (...)" (Darlene)*

Sobre seus sentimentos quando abordava o tema sexualidade em sala de aula, a professora disse: *" Não sei, eu me sinto com vergonha, me sinto intimidada"* *"Não sei se é porque eu sou muito reservada..."* *"...porque a minha avó, não deixava elas[filhas] fazerem nada também; bem reservada."* *"... Eu sou muito reservada; não sei*

se por isso também eles[alunos] ficam meio bloqueados."

As suas atitudes em sala de aula, assumiram um novo sentido diante das representações de sua história de vida. Apontamos que as informações que foram fornecidas em sala de aula ficaram condicionadas aos aspectos subjetivos da professora; isto é, a "reserva" ao tratar a questão do aluno está relacionado a representação que a professora faz de si: "reservada". Outro aspecto que ressaltamos é que a sexualidade, para esta professora, não pode ser pensada. Portanto suas intervenções em sala de aula, mediante este tema, não provocam reflexões. Dito de outra maneira, se a professora não pensa sobre a sexualidade, como pode levar seus alunos a pensarem sobre este tema? Em seu discurso, esta professora relacionou o fato de que os alunos passaram a não elaborar perguntas sobre o tema com a sua postura reservada: *"Eu sou muito reservada; não sei se por isso também eles[alunos] ficam meio bloqueados."*

Além dos significantes que "atravessaram" as aulas de orientação sexual, conforme citamos no exemplo de Darlene, percebemos que alguns professores também colocaram seus alunos em uma posição de objeto de suas atuações. Podemos ilustrar com a entrevista de Miriam. Em sua entrevista disse: *"Não é interessante! eu vejo um pouco da história se repetir..."*

Em sua história de vida, não existe um corte, algo que fizesse Miriam subjetivar o seu lugar de professora: *"Entre na escola no jardim; naquela época não existia o maternal. Entrei no jardim, fiz o pré e não parei até hoje."*

A professora se relaciona com pais, diretores e coordenadores a partir de um lugar subjetivo de aluna, criança: *"... como eu disse, não é uma mediação; é um trabalho de imposição, né? [sobre o trabalho da coordenadora] Eu me sinto como as crianças da pré-escola, ela conversa com a gente e coloca as coisas como se a gente fosse as crianças."*

Nessa posição - "Como se a gente fosse criança"-, que se repete, não conseguiu ouvir o

que o aluno lhe disse a respeito de ter entrado no banheiro das meninas : *“... Aí ele falou que estava perdido, mas eu senti que ele não estava perdido. Ele entrou como quem tá armando, né? Ai eu conversei: olha, aqui é o banheiro das meninas, quer conhecer? Aí ele falou: Não! eu só tava perdido!- morrendo de medo de levar uma bronca, alguma coisa. Então, eu falei: Vamos lá conhecer e tal! Aí eu convidei todos para entrar, para conhecer. Então, eu senti que ele já sabia que ali era o banheiro das meninas.”*

A professora não considerou a possibilidade do seu aluno realmente estar perdido, considerando-se tratar do primeiro dia de aula e em uma escola onde não há marcação de gênero sexual nas portas dos banheiros das crianças. Em um outro momento da entrevista a professora disse: *“...aconteceu o seguinte - foi proposital, embora eu ache que em qualquer oportunidade eu estaria levando. Um garoto entrou no banheiro das meninas (...) porque quando eu era pequena, morria de vontade de ir ao banheiro dos meninos e eu nunca entrei. E eu me lembro que tinha um lance assim, da gente chegar no meio da porta, de querer ver, de curiosidade mesmo, de querer conhecer.”* O lapso da professora disse tudo: foi de maneira *proposital* que ela levou seus alunos para visitação dos banheiros, como atuação de uma curiosidade de sua infância, que provavelmente diz respeito a uma pesquisa sobre a nudez do corpo, a defecação, micção.. etc. Pesquisa esta, que na vida adulta poderia ter sido deslocada de uma situação real, para outra, de ordem simbólica.

Nessa posição, a professora colocou seu aluno no lugar de objeto da sua atuação; não ouvir e não ver seus alunos, pode não favorecer para que eles construam suas próprias representações de sexualidade.

Em contraposição ao material apresentado, temos o relato da professora Sarita onde a sexualidade aparece viabilizando, em uma pré-escola, laços sociais - caminho privilegiado para a construção da cidadania.

Sarita citou uma situação em que a intervenção da coordenação propiciou modificação de atitudes dos pais dos alunos, que segregavam outros pais, por atitudes diferentes dos padrões sociais. Segundo esta professora, o aluno e seu pai apresentavam atitudes femininas, o quê gerou por parte dos outros pais um afastamento. A escola entrevistou propiciando a integração dos alunos, através de atividades com o objetivo de conhecer o repertório cultural deste menino, até então segregado do seu grupo. O aluno tinha muito conhecimento e informações sobre a moda, o estilismo. A professora sugeriu atividades em que o aluno trouxesse estas informações: *“No caso a professora que tava trabalhando com eles, ela recebeu a orientação de trabalhar muito essas informações, trabalhar e valorizar muito essas informações que ele trazia. Aí eles começaram a estudar a moda na história, a moda nas artes, uma coisa muito bonita. Estudaram como era feito o tecido, da onde vem os tecidos, trabalharam de fazer aqueles bonequinhos e fizeram roupas de encaixar, que é uma coisa super difícil pra eles a idéia de proporção, a idéia do próprio corpo de reproduzir no papel. Foi por aí e melhorou muito, muito.”*

Apesar de apresentarmos recortes de algumas entrevistas, percebemos, em outro trabalho (Banzato, 1998) que em todos os relatos dos professores, temas que convocaram o significativo “sexualidade”, foram conduzidos em sala de aula com reflexos evidentes das inscrições da sexualidade tais como vivida durante toda a história de uma vida daquele sujeito-professor.

A partir disto, podemos pensar que o posicionamento do professor, no que se refere a temas como a sexualidade, não seria de ministrar um conhecimento desvinculado da vivência dos alunos, mas, propiciar às crianç as situações em que pudessem gerar algum conhecimento sobre si e reflexão sobre as situações que vivenciam. Mas isto só ocorre, vinculado a uma postura interna do professor de permitir-se aceitar o “diferente” não fechar-se no mundo dos certos e errados, em suma, suportar o novo.

Freud, em *Análise Terminável e Interminável* (1937), nos permite dizer que nenhum analista pode levar um analisando mais além do caminho que ele mesmo percorreu em sua análise. Do nosso lado, diríamos que um professor de pré-escola pode impedir que um aluno avance nas suas investigações sobre o mundo, mais além do que ele mesmo dispõe a fazê-lo.

Um professor ao abordar com os seus alunos temas que envolvem a sexualidade, e podemos pensar também em ética, enfim algo que pertence ao mundo existencial, cabe a ele provocar reflexões, estimulando idéias novas como meio de auxiliar as formulações que poderão ser feitas somente pelos próprios alunos. Portanto, esse professor baseado nas próprias experiências e vivências, poderá assumir um lugar de agenciamento das atenções dos alunos, de modo que propicie e incentive uma postura de busca de conhecimento pela criança.

Levar o aluno à reflexão, necessariamente leva o professor a refletir sobre as próprias representações da sexualidade. A reflexão necessariamente leva a pessoa aos seus desconhecimentos, a um estranhamento de sua própria fala, e a um distanciamento de suas ações permitindo a construção de algo autêntico em seu lugar, algo verdadeiro. Neste sentido, destacamos a importância de um educador com maior suportância frente ao inesperado, frente ao criativo... Espaço aberto para que a curiosidade de cada aluno possa se transformar numa ferramenta para lidar com a realidade. Isto possibilitará o reconhecimento da subjetividade do aluno, das singularidades, das individualidades.

Desta forma, podemos pensar que os professores beneficiar-se-iam não somente com cursos informativos mas, com um espaço onde poderiam refletir a respeito das suas singularidades, das suas repetições e atuações, favorecendo com que seus alunos construam suas próprias representações da sexualidade.

O "amor à verdade" parece ser o denominador comum entre a psicanálise e a educação - profissões que têm a palavra como ferramenta básica de trabalho.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BANZATO, D.S.G.. (1998). *Sexualidade na Escola: um estudo sobre as representações da sexualidade em professores de pré-escolas nas práticas educativas*. São Paulo, s.n., 1998. 139p. Dissertação (Mestrado) – IP-USP.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF.
- FOLHA de São Paulo. Pais devem falar sobre sexo?. São Paulo, 28 mar. 1994. P.3
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.7, p.117-230.
- _____. (1907). O esclarecimento sexual das crianças. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.9, p.133-144.
- _____. (1913). O Interesse Científico da Psicanálise. O interesse Educacional da Psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.13, p.224-226.
- _____. (1925). Prefácio a Juventude desorientada, de Aichhorn. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.19, p.339-343.
- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund*

Freud. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1989. v.23, p.239-287.

GUIA de Orientação Sexual: *Diretrizes e Metodologia*./ tradução e adaptação GTPOS,

ABIA, ECOS. 1994. 5.ed. São Paulo, Casa do Psicólogo.

GUIRADO, M. (1993). *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo, Summus.